

**JESUS CRISTO: UM ROSTO, MUITOS ROSTOS?**

*A missão da Igreja esteve sempre centrada no anúncio de Jesus Cristo como salvador do mundo. A missão tem sucesso quando o anúncio de Jesus suscita a acolhida de uma palavra reconhecida como oferta da salvação pelo próprio Deus. Mas, será que na atual sociedade baseada na ideologia do consumo as pessoas sentem a necessidade de salvação? Quais serão os caminhos de um anúncio de Jesus Cristo que conduza realmente à salvação? Antes disso: como suscitar a consciência da necessidade de salvação? Quem diz salvação, poderia dizer igualmente libertação, como o mostra o próprio testemunho da Bíblia.*

*A tentação de enveredar por atalhos é grande. Aí está para mostrá-lo a multiplicação dos slogans ostensivos em camisetas, carros e fachadas: “Jesus salva”. Unidos a promessas de prosperidade e soluções milagrosas para doenças, dívidas e desemprego, conseguem juntar multidões. Entretanto, juntar multidões não se identifica com bom êxito da evangelização.*

*O Cristo morreu numa cruz, com poucos seguidores, abandonado por muitos deles no momento do sofrimento e, no entanto, pôde exclamar “Tudo está consumado”, manifestando a esperança de que o Pai acolheria o seu trabalho de anúncio da Boa nova e que seu caminhar para a salvação do mundo não teria sido em vão. A ressurreição de Jesus foi para os discípulos confirmação disso por parte de Deus e desencadeou o seguimento do Mestre, mesmo sabendo que seria caminho de cruz. Anunciaram Jesus como o Caminho divino da salvação.*

*Fruto e instrumento do anúncio foram os escritos evangélicos. Após a morte das testemunhas do caminhar histórico do Mestre, era preciso que ficasse plasmada em escritos apostólicos a “figura de Jesus” como norma da Evangelização. Figura evidentemente transmitida a partir da ação do Espírito que fez que os discípulos reconhecessem em Jesus de Nazaré, após a Páscoa, a Palavra eterna de Deus feita carne. A figura do Cristo apresen-*

*tada nos evangelhos corresponde à visão pós-pascal dos discípulos, mas é sempre referida ao caminho concreto do Jesus histórico. Jesus é apresentado com um rosto humano definido de nossa história. É nesse rosto que Deus quis se revelar.*

*O rosto revela a pessoa, embora na percepção do rosto intervenha a subjetividade de quem o contempla. O rosto só se torna revelador quando é acolhido por outro rosto. O rosto de Jesus apresentado em cada um dos evangelhos manifesta a percepção diferenciada de cada um dos evangelistas e da comunidade à qual a narrativa é dirigida. Falamos de rosto do ponto de vista da cristologia. Os evangelhos não são biografia de Jesus, mas cristologia. Eles respondem à pergunta: quem é Jesus? Qual é seu significado para a relação do homem e da mulher com Deus? O rosto de Jesus revela algo de Deus. Revela também algo do rosto que o acolhe. Já faz tempo, K. Rahner mostrava que a cristologia é, ao mesmo tempo, antropologia.*

*A diferença dos quatro evangelhos é conseqüência da necessidade de mudar a linguagem conforme os destinatários para alcançar a maior fidelidade possível na transmissão do rosto de Jesus, de forma que ele se torne significativo, ou seja, revelador. A hermenêutica dos textos e o confronto entre as diversas narrativas são imprescindíveis para a evocação correta do rosto de Jesus. Não basta repetir os textos.*

*O progresso dos procedimentos exegéticos no século passado suscitou a renovação da cristologia. Não bastava repetir as fórmulas dogmáticas antigas, nem mesmo os textos da Escritura. Era preciso interpretá-los, ao mesmo tempo em que se interpretava a própria existência daqueles a quem deviam ser proclamados como salvação.*

*A história da evangelização mostra como o poder evocador do anúncio de Jesus, a partir dos textos normativos, pode perder sua força. João XXIII “encontrou na docilidade ao Espírito que caracterizou toda sua vida” (Bento XVI) a inspiração para compreender que o anúncio de Jesus carecia de “aggiornamento”. O Concílio Vaticano II teve o cuidado de apresentar um rosto de Jesus com significação salvífica para o mundo de hoje. Um rosto que fosse capaz de dar sentido e sabor à vida dos ouvintes da Boa nova de Jesus.*

*O cuidado do Concílio respondia a anseios do povo cristão. Vinham surgindo na Igreja, como o leitor poderá ver nos artigos deste número, novas cristologias, resultado das novas hermenêuticas dos textos sagrados e da urgência de apresentar aos contemporâneos um rosto de Jesus que fosse realmente revelador do Mistério de Deus e revelador do próprio mistério do ser humano habitado pelo Espírito de Deus.*

*As novas cristologias não nasciam por causa do olvido das antigas fórmulas cristológicas, mas pela necessidade de devolver-lhes um rosto, perdido*

*na inércia da repetição rotineira. “Sozinhas, as palavras / não dizem nada. Falam,/ quando entranhadas na carne vivida de nossa vida./ A mais intensa./ Curtida.” (Lupe Cotrim Garaude, A Palavra é carente). Uma coisa é afirmar que Jesus, Palavra eterna de Deus, tem uma natureza humana e outra é narrar os fatos e as palavras da história concreta de Jesus de Nazaré que desencadeou a história dos discípulos, ao reconhecerem e anunciarem o agir de Deus na fragilidade de um rosto humano, exposto como todo rosto ao conflito das interpretações.*

*A renovação das cristologias correspondia à renovação da catequese que abandonava os catecismos de perguntas e respostas baseadas em fórmulas “dogmáticas” sobre o Filho de Deus, “verdadeiro Deus e verdadeiro homem”, “uma pessoa e duas naturezas”, para inspirar-se nas narrativas evangélicas sobre Jesus de Nazaré. Evocando a figura evangélica de Jesus esperava-se que se revelasse a rostos marcados pelas esperanças e angústias do tempo presente o verdadeiro rosto de Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. As formulações doutrinárias viriam depois. Nasceriam da experiência do encontro com Deus em Jesus.*

*Na interação dos rostos entram em jogo os semblantes dos interlocutores. A renovação cristológica tinha nascido da exigência hermenêutica de recuperar o rosto perdido de Jesus de Nazaré. Numerosos estudos se centraram na esperança de poder reconstruir com a maior verossimilitude a fisionomia do judeu Jesus. Não que eles, necessariamente hipotéticos em muitos pontos, viessem substituir os relatos evangélicos na gênese da fé. Mas, certamente, poderiam ajudar a compreender com mais verdade os escritos inspirados, que embora nascidos da fé pascal, se referem sempre a Jesus de Nazaré.*

*Era necessário devolver ao rosto do Cristo a particularidade judaica de Jesus de Nazaré. Porém, havia também que olhar para o semblante do ouvinte do Evangelho. Novas cristologias surgiram para que o rosto de Jesus despertasse a atenção e trouxesse sentido no contexto de outras culturas e concepções religiosas da existência. A arte já se tinha adiantado. Imagens de Jesus com rosto africano, indiano, chinês, nipônico ou ameríndio não podiam surpreender a quem conhecesse a diversidade icônica da representação do Cristo ao longo dos séculos. Algumas dessas representações, é preciso reconhecê-lo, deformavam mais do que evocavam a figura do Jesus dos evangelhos.*

*Aprofundar o semblante judaico de Jesus contribuiu para compreender melhor a figura revelada como resposta à história do povo hebreu em diálogo de salvação com Javé e a sua capacidade de responder também aos anseios de salvação de outros povos. A encarnação da Palavra divina na história humana deve ter um rosto histórico concreto.*

*Que o Jesus do Novo Testamento tenha um rosto judaico é exigência do realismo da encarnação da Palavra. Não pode haver encarnação verdadei-*

ra num “rosto genérico”. Todavia, precisamente pelo fato de haver verdadeira “encarnação” num rosto de nossa história da Palavra do Mistério transcendente que chamamos Deus, a luz que emana do rosto judaico de Jesus pode se refratar e aparecer com reflexos asiáticos, africanos ou ameríndios. Porque o rosto de Jesus só pode ser reconhecido e revelador na interação com outros rostos concretos. São perfeitamente legítimas as tentativas de pensar a cristologia como resposta às aspirações religiosas de outros povos, embora isso não se faça sem tensões. A tentativa, na época patrística, de diálogo com a filosofia grega para expressar o mistério cristão exigiu audácia, ingente rigor conceitual e séculos de controvérsias. A utilização dos conceitos da filosofia helênica só foi possível transformando a significação que tinham no contexto original.

Anunciar Jesus num mundo pluralista e globalizado exigirá audácia e habilidade hermenêutica, enfrentando o risco das interpretações, como o enfrentou Jesus quando perguntou aos discípulos: “Quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,5).

No início do presente milênio, um Congresso Missiológico reuniu na Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma 1.700 pessoas, vindas do mundo inteiro para refletir sobre a resposta a essa pergunta de Jesus, perante a pluralidade de religiões e culturas que, ao tornar-se num mundo globalizado assustadoramente contíguas, ficam expostas a interpretações superficiais.

Eis algumas das perguntas suscitadas pelo Congresso. Diante da justa necessidade da apropriação da mensagem cristã por uma experiência pessoal, como conciliar a singularidade da experiência com sua universalidade, num mundo que ao exaltar a experiência subjetiva tende a negar qualquer valor universal? Como o anúncio de Jesus na Ásia pode se enriquecer com as espiritualidades do Budismo e do Hinduísmo? Ou, pelo contrário, o que podem auferir essas experiências do conhecimento de Jesus? Como libertar o anúncio de Jesus na África do colonialismo das Igrejas européias? Pode-se anunciar a mediação universal de Jesus Cristo para a salvação sem que apareça como tese imperialista com pretensão de dominar e oprimir outras religiões?

Da América latina vinham outros questionamentos: Como anunciar a figura de Jesus pobre, proclamador da Boa nova da libertação aos pobres, sem que a Igreja ponha no centro da evangelização a “opção preferencial pelos pobres” e se comprometa num processo integral da libertação dos pobres, com as implicações decorrentes do testemunho cristão no âmbito do social e do político?

Todas essas questões levantavam uma questão para a cristologia, inquietante para alguns, perante a pluralidade de interpretações: qual é o verdadeiro Jesus?

*Pode a pluralidade de rostos de Jesus potenciar o poder revelador do rosto de Jesus de Nazaré apresentado nos evangelhos? Pode a pluralidade de cristologias contribuir para um encontro mais verdadeiro com o Senhor Jesus exaltado à direita do Pai?*

*Para quem concebe a cristologia como um saber sobre a significação teológica de Jesus comunicado por Deus e fixado nos escritos inspirados de uma vez por todas, essas perguntas são perturbadoras. Para quem compreende que os escritos inspirados sobre Jesus são interpretação da experiência dos discípulos no seguimento de Jesus que lhes propiciou o encontro com a Palavra do próprio Deus, feita carne numa vida humana, não deve surpreender a pluralidade das interpretações. A fidelidade dos discípulos “ao que ouviram, ao que viram com seus olhos, ao que contemplaram e as suas mãos tocaram da Palavra da vida” deve conjugar hermenêutica do texto bíblico com hermenêutica da situação existencial do ouvinte da Palavra. Só assim o evangelho poderá suscitar pelo poder do Espírito de Deus “a comunhão com os discípulos, que é comunhão com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo” (cf. 1Jo 1,1-3).*

*A fé implica sempre encontro de um rosto humano com o rosto revelador de Jesus em diálogo com o rosto dos discípulos que anunciam e dão testemunho da experiência apostólica. A cristologia não pode consistir no trabalho arqueológico de desenterrar o rosto único e singular de Jesus de Nazaré. As tentativas de escrever uma “vida de Jesus” se revelaram inviáveis, faz tempo. As mais recentes pesquisas sobre o Jesus histórico não podem ter para a fé outra função, preciosa certamente, que a de libertar a força reveladora dos escritos evangélicos, enfraquecida pela inércia da repetição rotineira ou deturpada pelas ideologias que facilmente se infiltram na leitura deles.*

*A cristologia está a serviço da missão que visa propiciar o encontro com o Senhor Jesus exaltado à direita do Pai através da memória apostólica dos atos e das palavras de Jesus de Nazaré para suscitar o discipulado. O discipulado consiste no seguimento de Jesus até a cruz que só se torna revelador para quem reconhecer o rosto de Jesus nos rostos sofredores de inúmeros irmãos, como nos lembra o Documento de Aparecida.*

*“No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto dolente e glorioso, com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus” (32).*

*Ajudar a reconhecer o rosto de Jesus de Nazaré e nele o rosto amoroso e misericordioso de Deus que se inclina sobre a humanidade dolente e se*

*mostra solidário com a dor do mundo é o objeto da cristologia. Para os judeus reconhecer em Jesus o Cristo e o filho de Deus, “fazer cristologia”, exigiu fazer hermenêutica do caminho de Jesus e dos escritos do AT que lhes permitiam entender-se como povo da Aliança. Reconhecendo que Jesus levava à plenitude as antigas promessas, se tornaram discípulos pelo seguimento do Mestre até a cruz. É significativo que os relatos evangélicos apresentem como as primeiras a receberem a mensagem da ressurreição foram as mulheres que seguiram Jesus até a cruz. Mais significativo ainda foi que os discípulos que tinham fugido no momento do sofrimento devessem ser por elas convidados a retomar o seguimento “na Galiléia” para poderem “ver” Jesus, o Senhor ressuscitado reunindo e conduzindo o rebanho disperso, e assim crerem e se tornarem anunciadores da Boa nova de Jesus.*

*As novas cristologias não nascem por prurido de novidade nem por olvido da tradição, mas por fidelidade à missão. Os novos rostos de Jesus que a Igreja vai descobrindo na missão evangelizadora em face da pluralidade de rostos humanos com os quais a missão exige dialogar poderão superar o risco inegável de forjar rostos deformados de Jesus, na medida em que respeitem a verdade dos rostos daqueles aos quais pretendem anunciar o evangelho e se deixem por eles interpelar.*

*E não se esqueça que a missão da cristologia não é criar um instrumento para fazer prosélitos. O discipulado só pode surgir no respeito sagrado à liberdade. O objetivo da missão não é só fazer discípulos, mas também ajudar a Igreja a descobrir os inúmeros caminhos que Deus tem para fazer chegar a todos a salvação por ele revelada e realizada em Jesus Cristo. Contemplando o rosto asiático de Cristo, o seu rosto africano, o seu rosto ameríndio e dolente em tantos rostos humilhados de povos que anseiam por libertação, o olhar da Igreja se irá purificando para contemplar o Rosto de Jesus que só se revelará plenamente a cada um de nós no encontro com o Senhor exaltado na casa do Pai.*

*Os artigos deste número de Perspectiva Teológica sobre as novas cristologias ajudarão o leitor a compreender isso.*